

COMEÇANDO: VIVÊNCIAS MUSICAIS INICIAIS DE CRIANÇAS EM SITUAÇÃO DE ACOLHIMENTO EM SANTARÉM, PARÁ

Adria Juliana Miranda da Silva¹, Iana Maria Rodrigues Cordovil², Antonio Vítor Campelo Ribeiro³, Iani Dias Lauer-Leite⁴

¹Estudante do Curso de Música - UEPA; E-mail: adriajuliana8@gmail.com, ²Estudante do curso de Pedagogia – UFOPA; E-mail: rodrigues.iana@hotmail.com, ³Estudante do curso de Biotecnologia – UFOPA; E-mail: antoniovitorraas@gmail.com ⁴Docente do Centro de Formação Interdisciplinar - UFOPA. E-mail: ianilauer@gmail.com

RESUMO: A música é uma linguagem universal, uma produção humana que reflete a cultura e evoca emoções e memórias. É ainda parte da formação identitária de grupos e instrumento de autoexpressão, no nível individual. Este trabalho tem como objetivo relatar as vivências musicais iniciais de crianças em contexto de abrigo, a partir da realização de um projeto de musicalização que está sendo realizado em uma Casa de Acolhimento em Santarém, Pará. As oficinas de musicalização acontecem uma vez por semana e até o momento foram realizadas atividades envolvendo canto-coral, percussão, criação de brinquedo percussivo e iniciação à flauta doce. Participam 10 crianças entre 4 e 12 anos de idade. Para coleta de dados referente às vivências prévias das crianças com a música, foi aplicado questionário e os dados analisados mediante recursos da estatística descritiva. Os resultados mostraram que as crianças gostam de música, a maior parte ouve música através da televisão. O gênero musical preferido foi o funk. Para a maior parte das crianças pesquisadas (5) a música traz emoções positivas como alegria e felicidade. As crianças aderiram ativamente a todas as ações propostas nas oficinas, mostrando preferência por atividades de cunho manual. Os resultados encontrados serão utilizados para o planejamento das oficinas subsequentes, que serão realizadas no mesmo local.

Palavras-chave: crianças institucionalizadas; musicalização;

INTRODUÇÃO

A música, sendo fruto de inspiração humana, em geral, pode interagir e transformar significativamente uma realidade, dependendo da maneira como é realizado o processo de interação social. Nesse sentido, o indivíduo nasce predisposto a adquirir conhecimento, buscando alcançá-lo desde as primeiras fases da vida. Estima-se que a existência da música data ainda dos primeiros povos a ocuparem o Planeta, produzindo instrumentos rudimentares e criando as primeiras noções desta Arte. Ao longo dos anos, sua produção e disseminação ultrapassaram barreiras sociais e econômicas e fortaleceu culturalmente grandes civilizações.

Até o período renascentista a produção musical era muito concentrada nas elites sociais daquele período (igreja e burguesia); músicas produzidas para o piano ou o cravo, que eram instrumentos das classes mais abastadas da sociedade. Atualmente, a produção musical, principalmente no Brasil, tornou-se mais ampla, englobando diferentes realidades, culturas, setores da sociedade, movimentos sociais, grupos étnicos, dentre outros, o que contribuiu para a diminuição de algumas barreiras sociais.

É comum se encontrar em um mesmo local ou grupo social, pessoas diferentes entre si, mas que possuem o estilo musical semelhante, o que estreita os laços afetivos entre seus membros. Neste contexto, “a cultura é vista como um importante meio de reconstrução da identidade sociocultural e a música está entre as atividades de significativo apelo para a realização de projetos sociais” (OLIVEIRA, 2006, p. 19). Assim, o trabalho em questão traz resultados parciais de um projeto voltado para a inserção da música enquanto ferramenta de autoexpressão, formação identitária e inclusão social para crianças, em uma Casa de Acolhimento em Santarém, Pará. Para melhor compreensão do estudo, faz-se na sequência um breve resgate das temáticas necessárias à compreensão dos resultados, na seguinte sequência: discute-se a música como ferramenta de inclusão social e propiciadora de bem-estar, tendo como base teórica o modelo bioecológico de Bronfenbrenner (2005) e conclui-se compreendendo o Abrigo como espaço de desenvolvimento.

Música e inclusão social

A música é uma linguagem universal que pode ser um elo entre as diversas realidades encontradas nos dias de hoje, o que pode contribuir para a homogeneização das culturas, diminuindo as diferenças. Há exemplos de pessoas que modificaram seu modo de ser, de olhar o mundo e perceber as coisas ao entrar em contato com a música, criaram novas perspectivas, novos sonhos e metas para suas vidas.

Partindo desse ponto de vista, percebe-se a música não somente como um instrumento de aproximação, mas sim como um importante meio de inclusão social, reunindo diferentes realidades. Ribeiro (2012, p.28) ressalta “[...] o caráter social da música, uma vez que sua própria prática implica em relações interpessoais, afirmando ainda que a música pode constituir-se como um fenômeno de integração social”. Seguindo essa lógica de raciocínio, Silva (2007) afirmou que a música pode tornar-se elemento estruturante e estruturador da sociedade, uma vez que “incorpora o senso de comunidade e experiências que ultrapassam as paredes das identidades individuais” (p.18). Dessa forma, pode criar um senso de pertencimento e formação identitária em determinados grupos humanos. No aspecto individual, pode trazer à memória experiências vividas e ao mesmo tempo possibilitar a ressignificação do momento presente, abrindo novas possibilidades de futuro.

Dessa maneira, observa-se um aumento na quantidade de projetos voltados para o uso da música em contextos diversos, seja para inclusão sociocultural (CASTRO, 2016), relaxamento e ressignificação (MAZZA & DIOGENES, 2016), dentre outros.

Nesse sentido, o estudo em questão narra ações voltadas para a inserção da música no cotidiano de crianças institucionalizadas em uma casa de acolhimento em Santarém, Pará, sendo este espaço entendido como um contexto de desenvolvimento.

Abrigo como contexto de desenvolvimento

Silva e Aquino (2014) fazem alusão ao sentido de abrigo como: Abrigos – ou orfanatos, educandários e casas-lares – são instituições responsáveis por zelar pela integridade física e emocional de crianças e adolescentes que tiveram seus direitos desatendidos ou violados, seja por uma situação de abandono social, seja pelo risco pessoal a que foram expostos pela negligência de seus responsáveis. Assim, esses locais passam a fazer parte do cenário desenvolvimental das crianças e adolescentes que lá estão.

Segundo Carvalho (2002), o abrigo deve ser entendido como um ambiente coletivo de cuidado com características específicas como: estruturação não-familiar, convivência intensa entre coetâneos e ausência de espaço individualizado.

De acordo com Cavalcante, Magalhães e Pontes (2007), essa modalidade de proteção é caracterizada por ser: 1) instrumento da política de proteção social à infância, 2) instituição asilar infantil, 3) ambiente coletivo de cuidado e 4) contexto ecológico do desenvolvimento humano.

Tomando a premissa de que o abrigo é um contexto ecológico de desenvolvimento humano, considera-se a teoria de Bronfenbrenner (2011), para compreender que, no modelo de desenvolvimento proposto por esse autor, a pessoa é tanto produtora como produto do desenvolvimento. Essa premissa é sustentada no fato que quando inserida em um meio, uma pessoa interage com esse meio e ela torna-se produto do seu processo de desenvolvimento a partir de todas as vivências pelas quais passou.

Essa teoria é a base para compreender a relação das crianças acolhidas no abrigo, tanto no que se refere aos coetâneos quanto ao que condiz com o ambiente e seu tempo de permanência, mediante sua situação, uma vez que estes terão seu desenvolvimento pautado em grande parte pelas relações estabelecidas com os coetâneos, cuidadores, equipe técnica e ambiente.

No modelo proposto por Bronfenbrenner (2011), ele estabelece que o desenvolvimento acontece envolvendo diversas relações. Dentre elas: o processo de desenvolvimento envolve a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto. O poder exercido pelos processos proximais varia em função do contexto e das características da pessoa.

Nesse sentido, a pessoa e seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais, tem um papel ativo no processo tanto por ser componente essencial dos processos proximais quanto por ser ela quem decide e molda o ambiente ao seu redor. Por sua vez, o contexto do desenvolvimento humano é definido como níveis ou sistemas entrelaçados da ecologia do desenvolvimento humano. Pode ser visto também como o ambiente em que a pessoa em desenvolvimento vive experiências pessoais diretas como na família, escolas e creches. O contexto se caracteriza por qualquer evento ou condição fora do organismo que pode influenciar ou ser influenciada pela pessoa em desenvolvimento. Finalmente, o tempo, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas da temporalidade, sendo responsável pela estabilidade do processo, logo essa estabilidade interfere nos processos proximais, pois um sistema muito rígido ou muito flexível interfere negativamente nos processos (BRONFENBRENNER, 2011).

Partindo desses pressupostos teóricos, este trabalho objetiva apresentar resultados parciais de um projeto que insere vivências musicais no cotidiano de crianças moradoras de uma Casa de Acolhimento em Santarém, Pará.

MATERIAL E MÉTODOS

O projeto em questão faz parte das ações do Programa Saúde, Ambiente e Qualidade de Vida na Amazônia e é dividido em dois tipos de atividades complementares: A primeira atividade objetiva oferecer oficinas de canto-corais para as crianças, incluindo nas atividades previstas, o uso de instrumentos de percussão, improvisação e ensaio de canções da preferência dos participantes. O segundo tipo de atividade prevê a musicalização mediante o uso da flauta-doce. As atividades acontecem semanalmente, durante o período de 02 horas, no abrigo da cidade. A equipe técnica é composta pela coordenadora do projeto, uma aluna do curso de música da UEPA, uma aluna do curso de Pedagogia da UFOPA e um aluno do mestrado em Sociedade, Ambiente e Qualidade de Vida (UFOPA) que tem formação em música.

Podem participar da atividade todas as crianças que estiverem no momento no abrigo, não havendo restrições quanto à faixa etária, ou seja, é possível a participação também de adolescentes, apesar de o projeto ter sido projetado para crianças, originalmente.

As atividades acontecem nos espaços disponíveis no abrigo, quando se está lá. Não há um espaço próprio para esse tipo de atividade. Os materiais utilizados são levados pela equipe técnica e foram adquiridos com verba do edital PROEXT-MEC, em anos anteriores. Os materiais utilizados são: instrumentos de percussão, materiais para desenho, colagem e pintura, flautas-doces. Para as oficinas específicas de flauta-doce, foram adquiridas 11 flautas com financiamento de pessoas físicas que apoiam o projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram realizadas 05 oficinas até o momento, incluindo canto-corais, confecção de instrumento de percussão e a primeira aula de flauta-doce. Participaram em cada oficina cerca de 10 crianças, com idades entre 4 e 12 anos de idade. Para participar das oficinas de flauta-doce, as crianças preencheram um questionário que objetivou levantar dados prévios da experiência das mesmas com a música. Os resultados são apresentados na sequência. Responderam ao questionário 7 crianças, das 10 participantes.

Todas as crianças relataram gostar de ouvir música e a maioria relatou ouvir sempre. Quanto à forma de ouvir música, os resultados estão no gráfico:

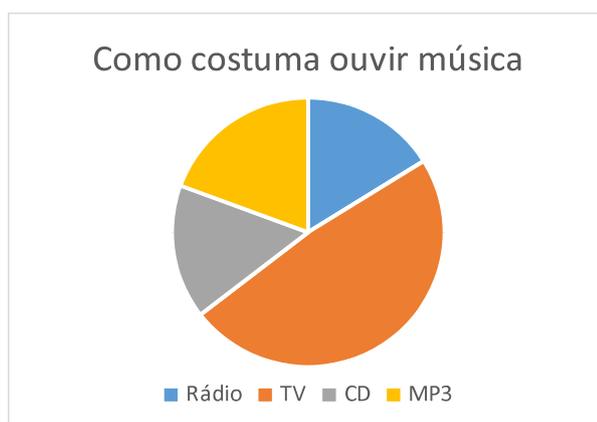


Figura 1 – Como as crianças costumam ouvir música
Fonte: autores

Percebe-se que a maioria ouve música mediante o uso da televisão, o que se confirma mediante observação, dado que sempre a TV está ligada quando a equipe técnica chega para realizar as oficinas no abrigo. Quanto às vivências musicais prévias, três crianças relataram já ter estudado música e quatro não estudaram. Cinco crianças já assistiram apresentações musicais duas não assistiram. Quanto às preferências musicais, quatro das crianças preferem música cantada e três delas preferem música instrumental. Em se tratando dos estilos musicais, houve predomínio do *funk* sobre os demais estilos.

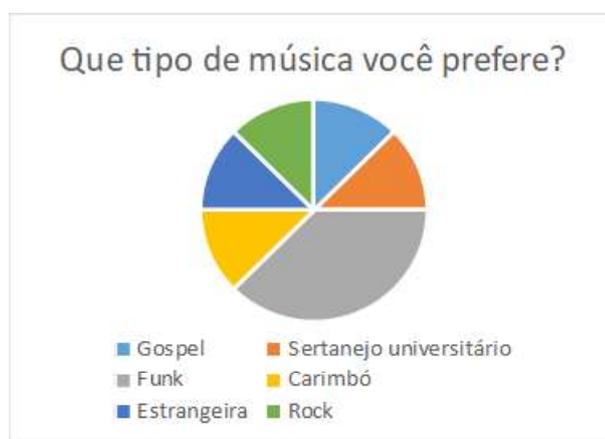


Figura 2 – Preferências musicais
Fonte: autores

Questionou-se ainda que tipo de sensação a música trazia para as crianças. Cinco crianças relataram sensações positivas como “felicidade”, “boa”, “alegria”. Uma criança afirmou não saber e uma criança relatou que a música trazia tristeza.

Quanto às oficinas ofertadas, as crianças participantes aderiram a todas as atividades propostas, mostrando preferência pelas atividades manuais, nas quais se envolveram ativamente. Na tabela abaixo, há um demonstrativo das atividades realizadas:

Tabela 1 – Oficinas realizadas no abrigo

ata	D	Atividades	Part
0,8	3	Cantar, conhecer, atividade manual: Como eu me sinto hoje.	10
3,9	1	Cantar: ensaio da música “A paz no mundo”.	09
7,9	2	Musicalização com percussão corporal e brinquedos percussivos.	10
.10	4	Confecção de ganzás de pvc.	10
.11	1	Aula inicial de flauta doce: notas musicais	11

Em síntese, as crianças atendidas pelas oficinas demonstraram vivências prévias com a música, conseguindo identificar gostos e preferências musicais, assim como os estados emocionais que a música evoca. Quanto à participação nas oficinas, observou-se notada preferência por atividades manuais, concretas. Os participantes aderiram às atividades oferecidas mediante as oficinas, enunciando o papel ativo que desempenham em seu próprio processo desenvolvimental, o que remonta à perspectiva de Bronfenbrenner (2011) quanto ao desenvolvimento. Resultado similar foi relatado por Castro (2016), em intervenção realizada com crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em Santarém, Pará.

CONCLUSÕES

As oficinas no abrigo, ainda em fase de desenvolvimento, objetivam inserir a música no cotidiano das crianças que lá residem, como uma possibilidade de autoexpressão, inclusão social e parte da formação identitária das mesmas. Dado que a intervenção é recente, há necessidade de mais observações sobre as atividades realizadas, para averiguar a consecução dos objetivos de forma mais ampla. Por ora, com os dados já coletados até o momento, conclui-se que as crianças têm vivências musicais prévias e conseguem enunciar os estados emocionais que a música traz a elas; elas participam ativamente das atividades oferecidas, mostrando papel proativo no próprio processo desenvolvimental.

AGRADECIMENTOS

Ao PROEXT-MEC pelo apoio financeiro. À PROCCE pelo apoio na realização das atividades. A Irani Lellis pelo apoio financeiro na compra das flautas-doce.

REFERÊNCIAS

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano**: tornando os seres humanos mais humanos / Urie Bronfenbrenner; tradução: André de Carvalho-Barreto; revisão técnica: Sílvia H. Koller. – Porto Alegre: Artmed, 2011.

CASTRO, P. Sementes musicais: uma contribuição da educação musical ao desenvolvimento humano e a inclusão sociocultural na infância e adolescência. Manuscrito não publicado, 2016.

MAZZA, S. R., DIÓGENES, L.I. A música como instrumento de cuidado em saúde mental no Centro de Atenção Psicossocial em álcool e outras drogas de Maracanaú: um relato de experiência. Anais da 46ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia, Fortaleza, 2016.

CAVALCANTE, L. I. C. ; MAGALHÃES, C. M. C. ; PONTES, Fernando Augusto Ramos . O Abrigo para Crianças de 0 a 6 anos: Um olhar sobre as diferentes concepções e suas interfaces. Revista Mal-Estar e Subjetividade, v. VII, p. 329-352, 2007.

OLIVEIRA, E. S. Inclusão Social Através Música. Disponível em: <www.domain.adm.br>dem>elialeoliveira. Acesso em: 3 set. de 2015

RIBEIRO, R. L. Inclusão através do projeto música no munim: musicalizando crianças e jovens. Disponível em: <musica.ufma.br 13_ribeiro> Acesso em: 3 set. de 2015.

SILVA, G. M. Cidadania e Inclusão Social Através da Música Erudita: projetos sócio-educacionais em Florianópolis, SC, 2007, 61f. (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Música, Centro de Artes CEART.

SILVA, E. R. A.; AQUINO, L.M. C. Os abrigos para crianças e adolescentes e o direito à convivência familiar e comunitária disponível em < www.ipea.gov.br > acessado em 23.Jan.2014